



Mato ralo e proliferação de pragas, o resultado da expansão das fazendas de gado.

Pecuária pode destruir a ecologia da Amazônia

BELEM — Lixiviação do solo, proliferação de pragas e mato ralo — tais são os tristes resultados de oito anos de atividades em algumas das primeiras grandes fazendas de gado instaladas na Amazônia brasileira.

Uma dessas propriedades foi colocada à venda por mais de um ano sem encontrar comprador e um grande ponto de interrogação paira sobre o futuro de outras 200 enormes fazendas atualmente em início de exploração. Será que o desastre ecológico também se abaterá sobre elas?

A paisagem desolada nas fazendas mais antigas, com seu solo crestado e quebradiço e uma vegetação ressecada e pouco desenvolvida, contrasta violentamente com a cobertura verde e exuberante das áreas de mata tropical ainda intactas.

O antigo sonho do governo brasileiro de transformar facilmente a floresta amazônica em vastas e produtivas zonas de pastagem, para suprir o mercado mundial com grandes quantidades de carne de alta qualidade, se desvaneceu como uma miragem, exatamente como tinham prevenido os ecologistas.

OCUPAÇÃO DESORDENADA

Muito pouco tem sido publicado na imprensa brasileira sobre esses incômodos resultados, o que fez com que um especialista britânico em pastos definisse a situação como "um esqueleto dentro do armário" para o atual governo. Contudo, é evidente que as lições dessas primeiras rudes experiências precisam ser amplamente divulgadas, se se quiser evitar a destruição da selva amazônica.

A principal causa subjacente do problema tem sido o completo descaso dos fazendeiros em relação aos aspectos ambientais. O gerente de uma grande fazenda, de propriedade de uma companhia multinacional, comentou: "A ecologia é uma espécie de nova religião inventada recentemente, que não tem nada para nos ensinar".

Esse desinteresse pela proteção da terra tem marcado historicamente todo o processo de expansão da fronteira agrícola no Brasil. Em virtude da existência de vastas extensões de terras aproveitáveis ainda não ocupadas, sai mais barato para os colonizadores a mudança para novos lotes de terra virgem que o cuidado e a preocupação com os níveis de fertilidade do solo.

Embora tal sistema de ocupação possa ter um sentido econômico para o fazendeiro individual, o País como um todo pode vir a pagar um preço muito elevado no futuro, em consequência dos grandes danos às terras que vêm sendo provocados em troca de lucros a curto prazo e despropositadamente limitados.

Um perito australiano em questões de solo, acostumado com condições climáticas muito mais áspers, comentou paradoxalmente: "O problema do Brasil é que ele possui muitas terras ricas e naturalmente bem regadas".

Mas os danos causados por esse tipo de ocupação são muito mais graves na Amazônia, por causa das características muito peculiares da floresta tropical complexa, cuja flora pode abranger de 500 a 600 espécies diferentes. Sua luxuriante vegetação é o resultado de um intercâmbio complicado e bastante sensível, no qual as limitadas quantidades de nutrientes são extraídas predominantemente da biomassa e não do solo, e depois recicladas dentro do ecossistema. Quando essa cobertura vegetal é removida, todo o delicado equilíbrio do sistema é destruído.

Com a plantação de capim, os fazendeiros introduzem um ecossistema muito mais simples, com apenas quatro ou cinco espécies, mas todas dependendo exclusivamente do solo. A menos que se tome um grande cuidado, essa enorme transformação provoca um impacto brutal sobre a terra. Depois que os nutrientes residuais

são absorvidos, os solos ácidos e lateríticos que predominam na Amazônia, não podem suportar as longas horas de exposição ao sol causticante e às chuvas torrenciais, tornando-se compactos quebradiços e áridos.

DESMATAMENTO EM LARGA ESCALA

Apesar desses riscos, as companhias proprietárias das fazendas de gado estão desmatando suas áreas na base do método tradicional de derrubada e queimada. As árvores gigantes são frequentemente abatidas com o uso de correntes de 100 metros, puxadas por potentes tratores importados, como os Komatsu japoneses. Em agosto e setembro, começam as grandes queimadas com a finalidade de eliminar os restos de vegetação que ficaram. Elas assumem muitas vezes o aspecto de gigantescos incêndios e um deles assumiu tais proporções, que foi registrado em 1975 pelo satélite norte-americano Landsat, provocando veementes protestos nos Estados Unidos contra a destruição da floresta em larga escala.

Em seguida, as terras desmatadas são semeadas com vários tipos de capim, tarefa geralmente executada por aviões agrícolas. Durante os dois ou três primeiros anos, o capim cresce de forma impressionante, aumentando mais de uma polegada por dia durante a estação das chuvas. Entretanto, do quinto ano em diante, os níveis de fertilidade caem drasticamente e começam a surgir os problemas de invasão de ervas daninhas, fungos, plantas venenosas, ao mesmo tempo que o solo se lateriza progressivamente.

Ninguém sabe ainda como deter esse processo. Algumas medidas paliativas podem ser empregadas, tais como a adubação com fertilizantes fosfatados ou a plantação de leguminosas que enriquecem o solo com nitrogênio extraído do ar. Susanne Hecht, uma agrônoma americana, acentua que a floresta natural possui uma grande quantidade de leguminosas nativas. Ela acha que melhor do que introduzir espécies estranhas, seria mais adequado preservar as leguminosas já existentes, através de um corte manual e seletivo em vez da destruição uniforme da cobertura vegetal.

USO DE DESFOLHANTES

Outro processo que os fazendeiros também vêm adotando em larga escala pode igualmente provocar graves consequências. Um agrônomo australiano qualificou de "trágica" a aspersão das terras por avião, com uma solução diluída do desfolhante Tordon, importado dos Estados Unidos para controlar a invasão de ervas daninhas. Ele diz que o produto destrói todas as plantas com folhas, inclusive as leguminosas, além da maior parte, mas não a totalidade das ervas prejudiciais.

Ele acredita que em consequência dos efeitos residuais do Tordon, essa prática pode inutilizar por uns 20 anos as pastagens parcialmente recuperadas por meio das leguminosas.

Embora não exista um debate público sobre esses problemas, tudo indica que o governo brasileiro está crescentemente preocupado com esse quadro inquietante. Todos os grandes projetos de criação de gado se localizam na região sob controle da SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia), que concedeu aos empresários reduções de impostos da ordem de Cr\$ 2,8 bilhões desde 1966.

Nos primeiros tempos, a SUDAM aprovava os projetos de forma indiscriminada e só em 1969, por exemplo, autorizou a instalação de 69 novas fazendas. No ano passado esse tipo foram aprovados e a SUDAM está exigindo a reformulação daqueles já existentes, para que adotem uma base técnica mais aprofundada antes, da liberação de novos recursos.

Embora esse novo rigor seja claramente benéfico, duvida-se que seja suficiente para assegurar a sobrevivência ecológica da região amazônica.